

VERSÕES DO SUJEITO

Rochelle Gabbay
Jose Carlos De Souza Lima

Embora não formalizada por Freud, a noção de sujeito é uma questão que atravessa toda sua obra. Desde seus primeiros pacientes a questão parece se impor com a força de um vetor de orientação da cura: onde está o sujeito? É esta orientação que leva Freud (1895/1969) a questionar seus pacientes cujo álibi, freqüentemente, os fazem apresentar-se como vítimas de uma novela familiar ou social absurda. Freud não se deixa desviar insistindo na questão sobre a responsabilidade de cada um naquilo de que se queixa. Logo, é a experiência clínica que coloca Freud na rota do sujeito e dá sentido à denominação dada por Lacan: o sujeito freudiano. Na contracorrente da tradição filosófica ou da objetivação psicológica o sujeito freudiano não é constituído na objetividade, não é um dado observável, um elemento empírico. O sujeito na psicanálise é uma pergunta, um efeito evanescente da cadeia significante. Mas a sua determinação depende também do real e não apenas do simbólico, depende do objeto e não apenas do significante. Dupla determinação que dá sentido a outra definição de Lacan: o sujeito é uma resposta do real.

Nosso ponto de partida é a experiência psicanalítica. Trata-se, pois, de uma experiência concreta de trabalho com pacientes neuróticos, psicóticos, traumatizados, em situação de grande precariedade ou de errância etc. Como sustentar assim a afirmação de Lacan: “Por nossa posição de sujeito, somos sempre responsáveis”. (LACAN, 1965-66/1998a., p.873).

O que é instigante nessa afirmação é o seu caráter fechado, peremptório. Ele não faz nenhuma exceção; nenhuma distinção de estrutura. O sujeito é responsável do que lhe advém, dos sintomas, de seu sofrimento, de seu destino.

Não deixa de ser um desafio em nossa época, considerando-se a dificuldade para se falar numa clínica do sujeito - na psicanálise, mas também na medicina - sustentar a questão proposta por Lacan.

É importante esclarecer que, nos limites impostos para a presente comunicação, não nos propomos fazer um estudo exaustivo de todas as incidências do conceito na obra de Lacan. Sem cair na ingenuidade de supor uma linearidade no desenvolvimento da teoria, não é possível deixar de perceber que desde muito cedo a questão do sujeito remete ao enodamento dos três registros, a saber, real, simbólico e imaginário. Embora haja primazia de um registro ou de outro, conforme o momento considerado de sua obra, a verdade é que os três registros estão sempre supostos na fundação do sujeito.

O desenvolvimento de nenhum sistema teórico é meramente cumulativo, mas é interessante observar que os primeiros escritos de Lacan portam os elementos do que ganhará estatuto teórico depois. Um bom exemplo é o emprego do significante *Nome do Pai*, desde sempre não confundido com o pai real, mas que só será elevado à dignidade de um conceito no quadro do desenvolvimento do simbólico nos anos de 1950. Daí decorre as várias definições de sujeito na obra lacaniana; elas são correlativas ao estágio do desenvolvimento teórico alcançado num determinado momento. Isto se pode entender facilmente na medida em que um conceito não é nunca um elemento isolado, mas faz parte de uma rede simbólica, de um contexto teórico com o qual necessariamente guarda relação.

Assim, o conceito de sujeito vai sofrendo mudanças ou vai sendo construído no contexto de toda a teoria. Não é idêntico a si mesmo ao longo da obra. Mas, tampouco, desconhece seu passado. O sujeito na obra de Lacan é sempre um termo relativo.

Neste trabalho, partindo da compreensão do significado do passo dado por Freud, faremos uma pontuação do conceito na obra de Lacan a partir do registro do simbólico: o sujeito é definido como efeito da cadeia significante.

O sujeito freudiano

Fazer uma aposta na função sujeito exige estabelecer como pressuposto o rompimento com a definição iluminista: sujeito da razão e da vontade. Isso significa retirar da própria invenção freudiana do inconsciente todas as suas conseqüências. Se o pensamento iluminista forneceu à modernidade o contorno conhecido de uma subjetividade - padrão, onde as categorias de verdade, subjetividade e razão estão necessariamente articuladas, o *pathos* humano nos indica a existência de uma diversidade possível, de diferentes formas de ser.

Falar em sujeito desde Freud (1895/1969) exige a necessária caracterização: trata-se do sujeito dividido, fundado pela palavra e pela linguagem, articulado ao campo do Outro. O conceito freudiano de *Spaltung* presente em vários de seus trabalhos desde os *Estudos sobre histeria* até o final de sua obra pode ser entendido no sentido de divisão originária do sujeito, decorrente da submissão ou entrada na linguagem. Essa ordem simbólica é que faz a mediação da relação do sujeito com o real. O inconsciente é aquilo que dizemos, é o que aparece no encadeamento dos significantes, na superfície da linguagem, onde o sujeito se articula ao *logos*.

É somente a partir do lugar do Outro, da ordem simbólica, que se pode falar em sujeito e subjetividade em Freud. É próprio de o campo freudiano supor que o discurso do sujeito se desenvolve na ordem do desconhecimento, do erro e mesmo da denegação. Nesse discurso, algo se manifesta desvelando o mal estar constitutivo da relação do homem com a cultura.

Freud (1930/1969) identificou na civilização uma causa primeira e originária do mal-estar do homem. Sintoma e civilização parecem ser assim pares necessários e indissociáveis. O sintoma aparece na vida social como um ponto de elaboração que marca uma forma de ser, assinala uma variante do sujeito, um lugar de irrupção contingente na linearidade do discurso. O psicanalista deve operar como testemunha de que há um sujeito ali onde o que aparece dele é nomeado tão somente como uma produção sintomática ou como um código nosológico. No lugar do tratamento possível, o analista deve resistir à maré montante da objetividade científicante, na qual os tratamentos focalizam fundamentalmente os procedimentos técnico-científicos, forcluindo o sujeito.

Na psicanálise, verifica-se um permanente confronto com as identificações imaginárias reveladoras da posição problemática do sujeito face à castração. Não raro, essas identificações vêm ocultar os pontos onde o saber claudica e o rótulo diagnóstico vem propiciar o significante do qual o sujeito faz nome: eu sou Cid10 F32, apresenta-se o primeiro; sou esquizofrênico, nomeia-se o segundo, ou ainda sou dependente, não posso trabalhar, dirá um terceiro (GABBAY, R. 2008).

Nesse contexto, considerar que a doença ou a queixa não são de modo algum exteriores ao sujeito, não deixa de introduzir certa subversão. Aqui estamos diante de uma dimensão ética imanente da clínica. Recusar a objetivação do paciente configura-se como uma posição ética. Uma clínica sem sujeito! _ eis o ponto extremo a que se chega, não apenas no campo psiquiátrico, mas na própria medicina moderna.

Lacan e a subversão do sujeito

A apropriação da linguística permitiu à Lacan formalizar a descoberta freudiana do inconsciente. Foi um passo adiante na teoria que, com Freud, já havia

superado a concepção biológica, isto é, a versão do inconsciente como reservatório instintivo. O inconsciente aparece estruturado como uma linguagem, quando se sublinha nessa formalização sua estrutura simbólica (LACAN, 1957-58/1998).

É com seus pacientes que Freud descobre um estado singular no qual o sujeito sabe sem o saber. De que sujeito se trata? Não exatamente do sujeito cartesiano, identificado com a consciência. Trata-se de algo inteiramente novo, uma espécie de *cogito* freudiano. Se o primeiro pode ser traduzido por “Eu penso, logo existo”, o segundo encontra na proposição de Lacan uma de suas formulações mais interessante: “penso onde não sou, logo sou onde não penso.” E em seguida ele acrescenta: « eu não sou lá onde sou joguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar » (LACAN, 1957/1998b., p.521) O ser do sujeito é por assim dizer deslocado do « eu penso » ; ele é situado no gozo, no lugar onde « eu não penso ». Donde seu carácter essencialmente inapreensível, pontual e evanescente.

A definição do sujeito como efeito do significante desvela a primazia concedida ao simbólico na obra de Lacan a partir dos anos 50. Os primeiros seminários do seu ensino são dedicados a uma exegese dos textos freudianos sobre a questão do sujeito. O ensaio sobre o estágio do espelho (LACAN, 1949/1998c.) já permitira a constatação da insuficiência do imaginário e a necessidade do simbólico na estruturação da vida humana. No Seminário I, Lacan (1953-54/1986) compreende o eu (*moi*) como um sintoma do homem, como sua doença mental. Dessa maneira, ele antecipa a idéia vigente ao final do seu ensino sobre o “parceiro sintoma”, uma loucura enraizada na imagem que o homem tem de si e do mundo (LACAN, 1974-75/s.d).

O sintoma não é resolvido senão quando a análise põe o sujeito em primeiro plano, isto é, coloca em questão não só a sua história mas o seu destino. Trata-se do destino que lhe é possível dar as pulsões. Afinal, como assinala Lacan, o inconsciente é

esse sujeito desconhecido do eu, *der Kern unseres Wesen*, que Freud (1900/1969).
invoca em *A interpretação dos sonhos*

Não há, pois, como confundir o sujeito com o ente, embora tenhamos dificuldade quando falamos em subjetividade em não entificar o sujeito, não atribuir-lhe certa consistência ôntica. O sujeito não tem uma substância a ser revelada. O sujeito não tem uma identidade, ele não é um indivíduo, ele não é indiviso. Ele aparece entre os significantes, na pulsação da cadeia, como algo que ek-siste. “Le sujet est quelque part circulant comme le furet” (LACAN, 1957-58/1998, p.122).

Assim, no seminário sobre o ato analítico Lacan remete ao quadrângulo de Peirce. Na concepção peirceana do quadrado lógico de Apuleio o sujeito é situado num lugar vazio onde não se encontra nenhum traço. “É aí que está o sujeito” (LACAN, (1967-1968/s.d, p.38). Ele, o sujeito, esse *quelque part circulant, ce furet*, não se deixa apreender senão ao preço de um desvanecimento, no qual ele desaparece imediatamente após sua produção do discurso.

Nesse sentido, pode-se falar em produção de sujeito. E os avatares dessa produção _ indicados pelas diferentes estruturas clínicas _ testemunham as escolhas e os acasos desse processo. Falar da produção do sujeito implica em pensar sua emergência como sujeito dividido no campo do Outro. Essa emergência nos leva a uma passagem na qual de um pedaço de real, de objeto do gozo do Outro, do pequeno ser que a mãe carrega surge um sujeito. E esta operação, que implica alienação e separação, ordena que é como falta-a ser que o sujeito advém do significante (LACAN, 1964/1988).

A escolha, sempre forçada, um *soll Ich werden*, da célebre fórmula de Freud, que, apoiando-se na causa, “... faz brotar o paradoxo de um imperativo que me pressiona à assumir minha própria causalidade” (LACAN, 1965-66/1998a., p 879).

BIBLIOGRAFIA

FREUD, S. (1895) Estudos sobre a histeria In: **Obras completas**, v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1969

_____. (1900) A interpretação dos sonhos In: **Obras Completas**, v. 4 e v. 5. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1930) O mal estar na civilização. In: **Obras completas**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1969

GABBAY, R. **Oficina Palavrear: dos rastros da palavra à emergência do sujeito**. Tese de doutorado em Psicologia Clínica. Rio de Janeiro. PUC, 2008

LACAN, J. (1965-1966) A ciência e a verdade In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1949) In **Escritos**. RJ: Zahar, 1998b.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1957) In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998c.

_____. (1953-1954) **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud.**: Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

_____. (1957-1958) **Le Séminaire, livre 5: les formations de l'inconscient**. Paris: Seuil, 1998.

_____. (1964) **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. (1967-1968) **O Seminário, livro 15: o ato analítico**, inédito, s.d.

_____. (1974-1975) **O Seminário, livro 22: RSI**. Bilingue português-francês. Inédito, ed. Gordo e o Magro; s.d.

SOBRE OS AUTORES

Rochelle Gabbay. Psicanalista da EBPMF; Doutora em Psicologia Clínica/PUC/RJ; Pós-doutorado pela Universidade de Paris7; Pesquisadora LIPIS/PUC/RJ; Exerce suas atividades no Instituto de Psiquiatria da UFRJ.

José Carlos de Souza Lima. Psicanalista da Letra Freudiana do Rio de Janeiro; Psiquiatra do Centro de Extensão e Pesquisa sobre a Terceira Idade da UNIRIO; Doutor em Medicina Social pela UERJ e Pós-doutorado em Genebra, Suíça.